

## Um exemplo de exploração de uma narrativa de expressão oral: Caso de *Ukama igasva, unodzadziswa ngo zviyito* (a irmandade é metade, completa-se com os actos)

Joaquim João Razão \*

 <https://orcid.org/0000-0002-4342-5661>

Oswaldo das Neves \*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-8688-430X>

**Resumo:** Neste texto pretende-se fazer uma ligação entre os conceitos da narrativa de expressão oral e a sua função numa narrativa de expressão oral concreta. Não se quer abrir um debate sobre as grandes teorias que enrola o mundo da literatura no geral, mas sim, se pretende por um lado, inspirar-se e fazer uso dos conceitos gerais e abordagens científicas para sustentar a demonstração e exploração de uma narrativa de expressão oral, escrita numa das línguas bantu de Moçambique. Pretende-se, por outro lado, mostrar um dos papéis importantes destas narrativas no alinhamento da mente do homem como um cidadão, sem fazer o uso da força física. Elas são “armas” usadas na arena que se chama mente.

**Palavras-Chave:** Literatura; Narrativa; oralidade

### Muyezaniso umwe wo kusenzesa ngano dzinoyembwa: Tingana *Ukama igasva, unodzadziswa ngo zviyito*

**Susunho ro fundo ro ngano:** Patsamba iyi tinoda kuyita rubatanidzo rwo magwarakwatiso no kusenzesa magama ari mukati mo ngano dzinorewha ngo muromo basi no kusenzeswa ko magamewo pangano imwe nga imwe. Ngopamusana po zvitarwha izvi, atidi kumutsa magumgano makuru anoreya ngo ruziyo rwukuru rwunoreya ngo mayizirwe o ngano no mafundirwe wadzo, asi tinoda kujekeserwawo mundzero no kusenzesa masoko makuru anoreya ngo zvazvo kuyitira kuti tibatanidze no kupangidzira mapangire anoyita ngano mukugara ko ana o Afirika, kamarekamare o Mosambiki no ndima dzimweniwo dzo pasi dzinomosambo wo kusenzesa ngano mukupangana. Ngo kuwona kumweni ngo pamusana po basa iri, tinoda kupangidza rimwe ro mabasa rakakosha ro ngano mukupanga no kutowa ndzero dzo munhu kuti ayite mugari wo munyika wakanaka. Ngano idzi ipfuti dzinosenzeswa mumagirawundi o kurwisana anodayindzwa ndzero, pasina kusenzesa simba ro mwiri.

**Magama khuyi:** Madetembo; ngano dzo kuyembwa; ngo muromo

### Introdução

A língua é uma das componentes principais que distingue o homem de outros seres vivos. Ela é o representante incontornável de um grupo que se identifica como uma comunidade. Sem querer distinguir comunidade de sociedade, qualquer membro da

---

\* Doutorando em Linguística e mestre em Linguística, Licenciado em Ensino de Línguas Bantu, docente na UEM, especialista em Sintaxe e Morfologia, Investigador Assistente em Morfossintaxe e Com interesse particular em literatura oral da Cultura Wutee, E-mail: joaquimjoaorazao@gmail.com

\*\* Mestre em Filosofia, docente da Universidade Eduardo Mondlane, investigador Assistente em literatura moçambicana. E-mail: dasnevessoares@gmail.com

comunidade sente-se parte do grupo mesmo estando em lugar geograficamente distante da zona de origem. Há uma ideia segundo a qual “*a língua trás consigo a cultura*” (Sapir-Whorf, 1956). Esta afirmação voa sobre a ideia “o conjunto de práticas culturais e a língua em algum momento partilhados por outros grupos (multe-existência)<sup>1</sup>, constituem identidade do indivíduo, de um grupo linguístico (comunidade). Está claro que nem sempre o significado denotativo fecha as possibilidades de interpretação das palavras, uma língua diz o que diz na própria língua (cultura), o significado de uma palavra ou frase pode depender da intenção do falante e do contexto em que é proferida. Sobre esta perspectiva, Sapir-Worf (1956), nos seus estudos, mostram que existem sistematicamente diferenças semânticas entre as línguas. As categorias como espaço, tempo, quantidade e cores não são uniformes através das culturas. Tais estudos tentam provar que a percepção diferencia de cultura para cultura filtrada pela linguagem.

Na senda deste tema, uma das perguntas que se pode colocar é o que é Ciwutee? A resposta seria uma língua falada na Província de Manica-Moçambique. Ciwutee (S. 13b) faz parte do grupo linguístico Shona (S. 10), na classificação das línguas bantu (Guthrie 1967). O nosso artigo está dividido em três partes: introdução onde se espelha o trilho que se pretende seguir até a ideia final e os respectivos objetivos; o desenvolvimento, caracterizado por contextualização segundo a visão de alguns autores, a apresentação da narrativa no Ciwutee, a tradução da mesma para Português, a análise e descrição da narrativa *ukama igasva unodzadziswa ngo zviyito*, a moral da narrativa, a sagesa (sabedoria)<sup>2</sup> da narrativa e uma nota conclusiva.

### **1.Uma abordagem sobre a origem das narrativas de transmissão oral na perspectiva de (Rosário 1989)**

Sobre a origem das narrativas de transmissão oral apontam-se dois vectores orientadores: a existência múltipla e a irracionalidade. A irracionalidade, verifica-se porque qualquer narrativa não se preocupa com a lógica dos factos que conta, nem procura justificar a sua própria existência. No entanto, convém clarificar aqui o conceito de irracionalidade que não pode ser comparado nem sequer aparentado com o conceito literário de *ficção*. A narrativa oral tem uma existência que não é questionada pela própria comunidade, quer quanto à sua verdade, quer quanto à sua veracidade. Pretende-se

<sup>1</sup> Algumas práticas culturais são partilhadas por comunidades diferentes. É normal uma narrativa tida como da cultura “A” também ser praticada por grupos linguísticos de cultura “B”.

<sup>2</sup> Interpreta-se como conjunto de poucas palavras que nos remetem à “mil ideias” de conhecimento sólido do saber fazer e estar.

porém salvaguardar a natureza dessas narrativas, afirmando que irracionalidade não significa que as mesmas sejam incoerentes na sua organização interna, tanto a nível circunstancial como a nível estrutural, a questão está apenas ligada ao inverosímil.

No que diz respeito à existência múltipla, não carece de demonstração o fato de se verificar que o mesmo motivo temático pode ser abordado em pontos tão diversos do Mundo, alguns dos quais sem que nunca tenham tido contactos diretos ou mesmo indiretos. “Por exemplo, um camponês de uma aldeia Sioux isolada nas reservas indígenas do território americano será capaz de narrar com os mesmos motivos ou semelhantes que um camponês de uma qualquer aldeia isolada da África ou Ásia, falando da origem da morte, da chuva ou das aventuras de um herói que leva a melhor através da sua inteligência e argúcia, sobre um adversário mais poderoso” (Rosário, 1989). Segundo o critério morfológico, o esquema base das narrativas de tradição oral assenta em dois pilares: a situação inicial e a situação final (como começa e como termina).

Na sua origem, as narrativas estariam organizadas a partir de uma situação de carência inicial que acabaria por ser ultrapassada depois de uma série de peripécias, atingindo-se uma situação final apoteótica. Por outras palavras, estruturalmente, as primeiras narrativas que o homem teria contado, seriam de tipo ascendente, qualquer que fosse o herói ou motivo temático. É ascendente a narrativa que conta como se passou do “Caos ao Cosmos”, assim como a narrativa que narra como terá surgido “o fogo e de como o homem terá conquistado a terra que cultiva e domesticou os animais”.

Encarando a narrativa sob o ponto de vista transformacional, tendo como estrutura profunda a estrutura ascendente, verifica-se que é na situação inicial que se encontram todos os indícios que levaram as comunidades à evolução, adaptando-se a cada situação concreta e tentando eliminar do seu seio os males. Assim, a falta de alimentos, de esposa para gerar filhos, a falta de atributos físicos, etc, mais do que uma condenação, constituem motivos de incentivo para luta. No fundo, essas carências iniciais das narrativas orais consubstanciam a ideia de que a sua origem se situa na concepção mágica da recuperação da Idade de Ouro. Quer isto dizer que a narrativa primeira, a da passagem do Caos ao Cosmos, ou seja, a narrativa da origem do Mundo, é encarada como modelo para a regularização e equilíbrio dos elementos da Natureza.

## 2. Algumas descrições sobre as narrativas de carácter oral

As narrativas de tradição oral são o reservatório dos valores culturais de uma comunidade com raízes e personalidade regionais, muitas vezes perdidas na amálgama da modernidade. Na sociedade africana, em particular moçambicana (campesina), onde a tradição oral é um dos veículos fundamental de todos os valores, quer educacionais, quer sociais, quer político-religiosos, quer económicos, quer culturais, apercebe-se mais facilmente que as narrativas são a mais importante engrenagem na transmissão desses valores.

A sua importância advém do seu carácter exemplar, contadas em volta da fogueira, num ambiente sem conflito. É nas narrativas que se encontram veiculadas as regras e as interdições que determinam o bom funcionamento da comunidade e previnem as transgressões, sancionadas, na sua maioria por regras socialmente concebidas. Essas regras e interdições formam conjuntos que variam segundo as culturas, mas apresentam algumas constantes demonstrando que as narrativas na tradição oral, em geral, estão ligadas à própria vida. Entende-se vida como todos os sistemas de elementos que concorrem para a sobrevivência da comunidade: os sistemas de parentesco, a fecundidade, o funcionamento do cosmos (Rosário 1999; Suana, 1999).

A narrativa funciona igualmente como um dos principais veículos de transmissão do conhecimento, mantendo a ligação entre as gerações de uma mesma comunidade. Os valores que são transmitidos a gerações posteriores não podem sofrer transgressões. Se tal fato acontecer, põe em perigo a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo. Segundo Rosário (1989) a continuidade da cadeia de valores pode ser, por exemplo, detectada na preocupação de enunciar fórmulas codificadas no princípio e no fim da narração bem como a introdução de canções em certos momentos da intriga, sendo as letras dessas canções, muitas vezes, versos cristalizados que pouco têm a ver com a própria narrativa que está sendo atualizada num determinado momento.

Considerando a situação de oralidade, a narrativa é um dos meios pedagógicos mais poderosos Suana (1999). O seu funcionamento como tal dá-se a dois níveis: por um lado, pelo fato de, através da narrativa, a memorização se tornar mais fácil por causa da curiosidade e do prazer. Assim, aprendizagem e compreensão são rápidas e o ensinar torna-se fácil. Este domínio chama-se função de nível explícito. Por outro lado, a narrativa não é um simples instrumento metodológico de transmissão de conhecimentos. Ela transporta dentro de si própria, através da exemplaridade, o próprio objeto de

ensinamento que se quer transmitir, isto chama-se função de nível implícito.(Rosário, 1989).

Cada indivíduo que ouve a narrativa está apto a compreender que os conflitos apresentados na intriga podem perfeitamente ter lugar no próprio universo do grupo de que faz parte, tal como a personagem baba (pai) nesta narrativa que se vai explorar. Daí o carácter universal das narrativas de tradição oral porque são ao mesmo tempo e em qualquer lugar, um grande ponto de interrogação sobre os problemas com que o indivíduo se defronta no dia-a-dia, na sua sociedade. Ao mesmo tempo, todos os elementos da comunidade percebem que os conflitos veiculados pelas narrativas representam um universo simbólico, o que lhes permite criar o distanciamento necessário para a reflexão Domingos (1999). Por isso mesmo, o momento da narração não é um momento de comunicação simples entre o emissor e o receptor.

O contador e os ouvintes funcionam de uma forma complexa em termos de comunicação, embora aquele seja o dinamizador do processo comunicativo, estes tomam parte de uma forma ativa participando na construção das mensagens (Rosário 1989). Para a questão de passar a narrativa da língua 1 para a 2, na tentativa de ser fiel ao texto original em Ciwutee, a tradução poderá, nalgum momento, desobedecer as regras de funcionamento da língua portuguesa (Sintaxe), por exemplo: a ordem de ocorrência de constituintes na estrutura sintática; a coocorrência de constituintes da mesma categoria sintática no mesmo paradigma e uma recuperação anafórica não muito importante na narração. A seguir apresenta-se a narrativa de expressão oral em Ciwutee.

### **3.Ukama igaswa, unodzadziswa ngo zviyito**

*Zvakayizwa zvakayizwa*

*Baba amweni akawaka mukadzi wawo wozobara ana atanhatu paaya, arongomuna anarume.*

*Yanga iri nguwa yo ndzara zvinyama zvo mushango zvinowushungu zvayirya anhu.*

*Baba aya akariritira mhuri yawo, tinga kuyipasa zvo kurya kuyivikhira kuti isaryiwe ngo zvinyama zvo mushango zvinowuturu. Nguwa yakadarika ana aya akakura eyiziya zviyito zvozvitambo zvayizwa ndi baba dakara mhuri yakura.*

*Zvakazoyitika ngozvokuti ana aya akafunda zvo kooteya mirawu kuti abetsere baba kukudza mhuri. Ana aya akateya, ateya, akateya mirawu, zakazoyitika baba pakoonangira mirawu mumacibese mwiya tsve zvokoonangira mirawu yawo basi ayizoyendawo*

*koonagira mirawu yo ana awo ecisunungura nyama dzinonanga zvatatwa mumirawu yo ana awo.*

*Yakapinda nguwa zveyiyitika kakawanda, tsiku imweni ana aya kuti awone kuti cinyi cayisunongura nyama dzawo mumirawu dzawo akapangana no ciguma wura co pawukama, icona cayihamba nguwa yese na baba, ngokuti cangaciri cimumu, baba aya aazi kuzvinyerezera kuti mwana wawo cimumu wayizoowadudzira kuno hama dzake ngo kuwabira ana nyama kwayita baba aya.*

*Zvapanganwa kudaro, ana ateyi no ciguma-wura cimumu kuti baba ooba nyama mumirawu yedu unazokweya tsundza yo pfuti ya mayisiri.*

*Baba pakatanga kuba nyama dzo ana, cimumu cakakweya tsundza, ana wo mirawu aya akazwa kakukhwedera, kukhwedera, kakukhwedera paduze no mirawu yawo kakuwona baba awo eyisunungura nyama mumirawu yawo.*

*Abatwa kudaro, ana akabvunzisa kuti zvinyi baba zvamurikuyita? Ngokutama cokudayira akaramba anomuromo uri khangara.*

*Paakaguma kumba, akawunganidzana na mayi no hama dzimweni, pakutongana ana aya akati kubvira ka nyamasi tinomuziya kuti makatibara asi ngozvamayita izvi ngatigurirane ciwuswa, isusu aticawiyi kuzoomuwona pano panyumba nemwiwo musawiye kumadzinyumba kwedu koo wona azukuru enyu.*

*Se mhinduro, baba akayedza kutsanagura unatsi waakayita pazuro mukurera ana aya tinga kuwavikhira zvirombo zvinorya anhu.*

*Ana aya akadayira eciti “ukama igaswa unodzadziswa ngo zviyito”, wiye “canyamasi ngo canyamasi, cozero acisoonyaradzi mwana”.*

*Baba aya tsiku imweni mukusodza kwawo akatendererwa ngo zvinyama kwakupera ngo muthadzu-muthadzu, kuyizwa tsakara kunoturikidzirwa ngokuti; karyiwa murenje andikopi kwaryiwa moko, kwaryiwa dama andikopi kwaryiwa citumbi.*

*Phosi, ndipo pakaperera Sarungano!*

#### **4.Fundo ratinobvisa pangano iyi**

*Muri baba kana kuti muriritiri wo mhuri ranbayi mweyiyita basa rinopangidzira ubaba kana kuti wureri dakara zuwa rokugumisira ro wupenyu renyo rakwana.*

*Usapangidzire ubaba wako weyiyirwadzisa ana ako ngokuti akazviwona anokucinjira, anopera simba rokukuyamura wooryiwa ngo “mhondoro no shiri dzinorya anhu”.*

*Usapfudze umunhu wako wawakawaka zuro ngo danha rokuda zviro zvakawanda zvokubira amweni.*

*Mhiko yo akuru inoti; munhu-munhu citsa acitumwi. Usarambe cimbiya cako ngo cipunha cawiya kuzokwiya.*

*Canyamasi ngo canyamasi cozuro acisoonyaradzi mwana.*

### **5.Tradução da Narrativa “A irmandade é metade, completa-se com actos”**

Ela uma vez, um homem casou-se com uma mulher e tiveram seis filhos, dos quais quatro homens. Num ano de fome, os animais selvagens caçavam aos homens. O pai, com muito esforço, conseguiu criar sua família, protegendo-a de todos os males da zona. O tempo passou, passou, passou, os filhos cresceram sabendo tudo de bom que o pai fazia para os fazer crescer. Dada a situação da fome, os filhos pensaram em ajudar o seu pai montado armadilhas, montando armadilhas, montando armadilhas, para prender os animais para usar como alimentos e troca com outros produtos que a família não tinha.

Depois de algum tempo, o pai nas manhãs ia sondar as armadilhas para ver se estava preso algum animal. Para além das suas armadilhas, também tirava os animais nas armadilhas dos seus filhos caçadores. Em todas viagens, o pai gostava de andar em companhia do seu filho mudo, última sorte da família. Os filhos caçadores foram notando a falta de animais nas suas armadilhas, acompanhadas por pegadas de seres humanos ao redor de cada uma delas, por isso, os filhos caçadores desconfiaram que fosse um ser humano a tira-los dali.

Dada a repetibilidade dos fatos, os filhos caçadores reuniram-se incluindo o seu irmão mudo. Na reunião pediram que o irmão mudo ajudasse a identificar o indivíduo que roubava os seus animais. O irmão mudo, tendo aceitado a missão, foi investigando, investigando, investigando, até que notou que o pai, para além das suas armadilhas, também sondava as dos seus filhos e tirava os animais que aí se encontravam. Depois de um tempo, o mudo decidiu explicar o que estava a acontecer aos seus irmãos caçadores. Os irmãos caçadores pediram ao irmão mudo que, quando o pai estivesse a roubar os seus animais puxasse o gatilho da arma de caça como forma de alerta-los. Assim feito, os

caçadores ouviram e se aproximaram, aproximaram, aproximaram, até que viram a má-fé do pai e perguntaram-no o que estava a fazer. O pai sem resposta, ficou boquiaberta.

Quando chegaram à casa, convocaram uma reunião familiar e explicaram o que estava a acontecer. Os filhos decidiram pela cisão da família, pelo que não iriam visitar o pai e este não teria de visitar os seus netos. Dada a imposição, o pai tentou recordar aos seus filhos de tudo o que fez para os proteger de todos os males, mas os filhos, decepcionados, responderam que a irmandade é metade, completa-se com atos.

O pai, um dia sozinho, pensou em continuar com a sua atividade de caça. Entrou num raio de animais ferozes, ficou cercado e foi devorado como se se tratasse de um trapo na brincadeira matinal dos cães, que se traduzia em o animal que lhe comia o membro superior não era o que lhe comia o membro inferior, e o que lhe comia o dedo polegar não era também o que lhe comia o calcanhar...

Fim da narrativa!

## 6. Descrição da narrativa

As narrativas de carácter oral da cultura wutee ou de qualquer cultura africana bantu, por detrás de poucas palavras estão as “mil” palavras de alegria, elogio, educação, exortação, clamor, repúdio e sancionamento. A frase *ukama igaswa, unodzadziswa ngo zviyito* “a irmandade é metade, completa-se com actos’ remete-nos à ideia de que, mesmo que sejamos irmãos, indivíduos da mesma religião, da mesma comunidade, sociedade ou da mesma pátria, precisamos de praticar continuamente atos de boa-fé diante do companheiro, para além de atos que eliminem hipocentros de rancor ou ações que esquartejam o amor entre compatriotas.

A narrativa é do tipo descendente (Rosário, 1989), tendo em conta o desenlace (o desenvolvimento e o fim da trajetória de uma das personagens principais), senão vejamos: o pai ganhou privilégio de bom “pai”, não por força própria, a sua “carreira” termina sem tórumulo. Esta narrativa possui a marca de inverosimilidade como qualquer outra de carácter oral, da cultura wutee em particular. Algumas passagens não mostram a ligação de uma fase para a outra porque o plano do discurso mostra ser diferente do da narração. O pai foi abandonado pelos filhos por ter roubado os animais dos seus próprios filhos, por isso, não teve quem lhe podia tirar do cerco de animais ferozes.



Os quatro grupos de personagens representam uma realidade na sociedade/comunidade: a mãe representa uma sociedade/comunidade indiferente, satisfeita ou insatisfeita, continua calada; os filhos caçadores representam membros da sociedade/comunidade que a todo custo usam justamente o que estiver ao seu alcance para o seu sustento e galvanizar o melhoramento da vida da sociedade/comunidade; o pai representa membros da sociedade/comunidade que a qualquer custo procuram beneficiar-se de algo que não seja de seu justo esforço e que normalmente criam atritos no desenvolvimento social, de um país, continente ou Mundo; Os animais ferozes, nessa narrativa, representam aqueles membros da sociedade/comunidade selecionados para julgar, sancionar e apaziguar conflitos na sociedade/comunidade, por último, o miúdo-mudo representa a todos indivíduos portadores de deficiência, independentemente das especificidades, cujo relevo na sociedade não deve ser subestimado.

## **7.Moral da narrativa**

Qualquer membro da sociedade, de um país ou continente não se deve aproveitar da fraqueza de outros membros da sociedade/comunidade porque ela é dinâmica, recebe (input) e oferece (output), experiências pelas quais terá capacidade de desvendar a sua mestria em injustiças, por isso, cedo ou tarde, “dar-lhe-ão o que mereces de acordo com a amplitude da sua infracção”. Não deixe que a gula te faça perder por pouco tempo o que construiu com muito esforço e por muito tempo.

Qualquer membro da sociedade/comunidade é importante para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural. O miúdo-mudo, mesmo tendo limitações na comunicação, conseguiu trazer à tona o roubo que o pai “engendrava” aos seus próprios filhos caçadores. A ação do miúdo-mudo dá-nos a entender que qualquer um, independentemente da sua deficiência ou diferença, contribui para melhoramento da vida da sociedade. Qualquer membro da sociedade é igual na diferença, olha só, se um é camponês, o outro não o é, mas é o que o camponês não é como, por exemplo, o coveiro, trabalhador da morgue ou um político. Isto mostra que, a contribuição de cada um ergue o edifício chamado comunidade/sociedade, província, país, continente ou mundo digno.

## 8.Sageza

Algumas frases sábias da comunidade wutee:

- ✓ *Usayitire amweni zvawusikadi kuti amweni akuyitire* 'não faça ao outro o que não querias que te fizessem';
- ✓ *Munhu-muhu citsa acitmwi* 'ser humano é ser humano, nunca podes pedir ajuda a um tronco';
- ✓ *Tora gafutu rawunokwanisa kuthwara* 'carregue a trouxa que consegues erguer';
- ✓ *Canyamasi ngo canyamasi, cozuro acisoonyaradzi mwana* 'o que fizer de mal hoje, pode apagar tudo o que fez de bom no passado'.
- ✓ *Zvazakashata zvinonamira asi zvakanaka zvinodarica* 'as más práticas não se apagam, mas os bons actos hibernam-se'.
- ✓ *Muryi unokanganwa asi mujori wo mateko aakanaganwi* 'o indivíduo servido pode esquecer-se da serventia, mas o servente nunca se esquece'.

## Nota conclusiva

A narrativa de expressão oral é uma escola sem teto fixo. Entende-se que as narrativas africanas de expressão oral, através dos seus ensinamentos, contribuem para a unidade dos membros da comunidade, o desenvolvimento socioeconómico, fortifica o grau de parentesco, linhagem, a identificação e o respeito pelas diferenças entre as comunidades, País, Continentes. É um instrumento indispensável na interpretação do Mundo e para fortificação da ideia de existência e da essência do homem no Mundo.

## Referências

- DOMINGOS, A. (1999). *Cidade de Chimoio: ensaio histórico-sociológico -1*. Coleção Embondeiro, 14. Maputo.
- NGUNGA, A ; FAQUIR O. (2011). *Padronização da Ortografia de Línguas moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: UEM.
- RAZÃO, J. (2016). *Exemplo do uso da ortografia padronizada na língua Tewe e a imortalidade do ensinamento das narrativas de carácter oral do grupo Shona*. *Jornal o Povo*. Publicado, Segunda-feira, 05 de Setembro de 2016.
- ROSÁRIO, J. (1989). *A Narrativa Africana de expressão oral*. Ruanda: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

SITOE, B. (1999). *Motivações semânticas e socio-culturais na organização das classes nominais –sua influencia sobre a sintaxe: caso de Changana*. Maputo: UEM.

SUANA, E. (1999). *Introdução à Cultura Tewe*. Maputo: Seminário Filosófico Interdiocesano S. Agostinho.

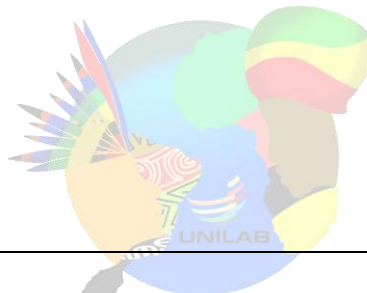
SZCZESNIAK, K. (2005). *O retorno da hipótese de Sapir-Whorf*. Polónia: Sosnowiec.

ULLMANN, S. (1964). *Uma introdução à ciência do significado*. 5.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

WHORF, B. (1956). *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Edit. por John B. Carroll. Cambridge, MA: MIT Press

Recebido em: 11/07/2022

Aceito em: 15/09/2022



**Para citar este texto (ABNT):** RAZAO, Joaquim João; NEVES, Osvaldo das. Um exemplo de exploração de uma narrativa de expressão oral: Caso de *Ukama igasva, unodzadziswa ngo zviyito* (a irmandade é metade, completa-se com os actos). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.460-470, 2022.

**Para citar este texto (APA):** Razão, Joaquim João; Neves, Osvaldo das. (2022). Um exemplo de exploração de uma narrativa de expressão oral: Caso de *Ukama igasva, unodzadziswa ngo zviyito* (a irmandade é metade, completa-se com os actos). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 460-470.